

O TEMPO DO SOM

Ana Carolina Couto Espindola

Resumo: Este ensaio busca refletir sobre a relação entre a escuta e à amplificação da experiência de tempo presente pela espécie humana. A pesquisa conta com o auxílio de Jorge Larossa Bondía, Norbert Elias, Milton Pelegrini, José Wisnik e Murray Schafer, além de vivências empíricas e exercícios de improviso realizados durante o processo.

Palavras – Chave: som, tempo, experiência, imagem, comunicação, imersão.

Abstract: This essay delas with de relationship between listening and the experience of the present. The reserach counts with de help of Jorge Larossa Bondía, Norbert Elias, Milton Pelegrini, José Wisnik and Murray Schager, besides empirical experiences and improvisation exercises performed during the process.

Keywords: sound, time, experience, image, communication, immersion.

1.1 Introdução

Este ensaio apresenta o conceito de experiência em sua forma original, assim como as transformações que ele sofreu durante o processo de evolução da espécie humana e a maneira como tais mudanças impactaram na criação de seus códigos de comunicação. Desta forma este artigo compreende-se na linha de pesquisa Comunicação, Linguagem e Produção de Sentidos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Anhembi Morumbi.

A comunicação enfrentou consideráveis mudanças e adaptações ao longo da evolução humana, muito se discute sobre o seu surgimento, mas na maior parte dos relatos, ela se inicia de forma primitiva, a partir dos grunhidos os antepassados faziam ao tentar reproduzir sons que escutavam na natureza, como rios, pássaros e outros animais. Com o desenvolvimento da consciência corporal, criou-se a percepção da capacidade de emitir sons não só através do movimento labial, mas também com as mãos e pés.

É possível notar que a comunicação acompanha o homem em seu desenvolvimento fisiológico, físico e psicológico satisfazendo as necessidades de cada geração. Este ensaio apresenta o som e o tempo como formas de comunicação humana e procura entender a maneira como elas se relacionam, impactando no modo de vida e na consciência do homem moderno.

1.2 A experiência

Segundo Jorge Larossa Bondía, no texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, o conceito de experiência, em sua forma original, é o encontro com aquilo que se experimenta, que se prova. O ser experiente, portanto, é aquele que se expõe atravessando um determinado espaço sem qualquer objetivo final, apenas buscando o ocasional. Dessa forma, o sujeito da experiência se estabelece como um território de passagem, um ponto de chegada, um lugar onde se passam acontecimentos. Trata-se de um ser passional, ou seja, não ativo, que no padecer aceita e submete-se ao que lhe chega, um indivíduo em constante exposição. Bondía apresenta o sujeito da experiência como aquele que se permite parar:

(...) parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA,2002: 24)

O conhecimento adquirido pela humanidade ao longo de seu processo de evolução, é o resultado das experiências e observações presenciadas e vivenciadas pelas suas diferentes gerações. O processo de aprendizado da espécie alicerça-se na sua capacidade de cultivar memórias, assim como estabelecer ligações entre elas e os acontecimentos em curso. Apresenta-se aqui a principal característica biológica do homem, definida pelo autor Norbert Elias em seu livro “Sobre o Tempo”, como síntese:

Esse poder de síntese constitui uma especificidade da espécie humana: para se orientar os homens servem-se menos do que qualquer outra espécie de reações inatas e, mais do que qualquer outra, utilizam percepções marcadas pela aprendizagem e pela experiência prévia, tanto a dos indivíduos quanto a acumulada pelo longo suceder de gerações. (ELIAS, 1984:33)

Graças a sua habilidade de síntese a espécie humana é capaz de usufruir de experiências anteriores para estabelecer novas ligações e criar novas abstrações, aprimorando assim seus códigos de comunicação. Norbert Elias traz como exemplos desse processo a observação da lua pelos antepassados, que mais tarde resultou na elaboração do conceito de “mês”, assim como a

experiência de antigas tribos com suas colheitas que possibilitou a criação da nomenclatura “ano”. Quanto mais evoluída a espécie, maior sua capacidade de síntese e mais particulares e abstratos são os conceitos utilizados por ela para estabelecer suas relações com a finalidade de auxiliar a comunicação.

Dentre os poderes naturais do homem figura uma capacidade geral de síntese, isto é, de estabelecimento de relações entre acontecimentos. Mas, todas as ligações específicas que estabelecemos e todos os conceitos que utilizamos em correspondência com elas, ao falarmos e refletirmos, são resultantes da aprendizagem e da experiência. (ELIAS, 1984:34)

Assim, podemos concluir que quanto maior o nível de capacidade de síntese de um indivíduo, maior a bagagem de aprendizado e experiência que ele carrega como legado de gerações anteriores. No entanto, a relação estabelecida pelo homem com as experiências anteriores se deu de maneira que, atualmente, muito do conhecimento que demandou anos de observação e vivência para ser criado, é tido como algo inato e óbvio para a espécie. A “lua”, é novamente usada para exemplificar a maneira com que o homem, de certa forma, passou a ignorar os processos anteriores pelos quais seus antepassados tiveram que se submeter para que seus conceitos fossem estabelecidos em um alto nível de síntese.

Hoje em dia, o conceito de “Lua” é tido como evidente, e todo o mundo pode julgar-se capaz de construí-lo sozinho, abrindo os olhos e contemplando o céu noturno. Imaginar um grupo humano desprovido de qualquer bagagem de saber pode ajudar-nos, talvez, a compreender que até uma operação sumamente simples, como a integração de uma diversidade de impressões sensoriais num conceito unitário como o que designamos por “Lua”, foi resultado de uma longa cadeia de gerações. Para isso, foi preciso um longo processo de aprendizagem, uma lenta acumulação de experiências, algumas das quais, feitas e refeitas incessantemente, foram registradas, ao longo de gerações, como recorrentes. (ELIAS, 1984:55)

Por meio desse curso evolutivo da espécie, pode-se compreender a distorção do significado da palavra “experiência” na atualidade. Inicialmente usada para definir aquilo que nos passa e nos toca, atualmente, o termo é utilizado para definir uma “acumulação progressiva de verdades que, no entanto, permanecerão externas ao homem” (BONDÍA, 1984:28). Sendo assim surge um importante paradoxo da contemporaneidade: “Uma enorme inflação de conhecimentos objetivos, uma enorme abundância de artefatos técnicos e uma enorme pobreza dessas formas

de conhecimento que atuavam na vida humana, nela inserindo-se e transformando-a.” (BONDÍA, 1984:28).

Nesse contexto, a palavra experiência apresenta-se voltada para a ciência e a tecnologia, aos saberes infinitos, sempre em crescimento, definido pelas regras e técnicas a partir das quais o sujeito pode conhecer os objetos que lhe cercam e dominá-los em prol de seu próprio benefício, visando saciar suas necessidades em vida. A palavra “vida”, por sua vez, é aqui apresentada em seu significado biológico, ligada a satisfação de necessidades para a sobrevivência do indivíduo.

Segundo Jorge Larossa Bondía, o sujeito moderno é definido pela sua capacidade de receber a informação, processá-la e criar uma opinião a respeito dela. Tal processo, resultado da evolução da capacidade de síntese humana, dificulta conexões mais significativas entre aquilo que supostamente está sendo experimentado. Para o pesquisador, a incessante busca atual pela acumulação de conhecimento no sentido acima apresentado, não dá espaço para a experiência em sua forma mais genuína, tal como a constante observação do céu possibilitou a criação do conceito “Lua” pelas gerações anteriores.

Uma vez que a experiência é, em sua origem, algo próprio de cada indivíduo e uma vez que aquilo que se passa para um, não passa do mesmo modo para o outro, ela gera grande pluralidade e heterogeneidade, sendo única em cada caso particular. O conhecimento, pela ótica da ciência moderna, é algo genérico, podendo ser repetido da mesma maneira para diferentes indivíduos, gerando consenso e, portanto, homogeneidade entre as partes. Enquanto a experiência é algo imprevisível, já que o sujeito exposto não tem controle sobre aquilo que lhe passa, o conhecimento é algo previsível, seguro, uma maneira metódica de apropriar-se do mundo.

A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las
(BONDÍA, 2002: 28)

A alta capacidade de síntese do ser humano na contemporaneidade, traz como consequência uma separação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, Bondía pontua que tal separação se dá a partir da Ciência Moderna, introduzida com Bacon e atingindo seu apogeu em Descartes. Quanto mais abstrato e específico o conceito a ser definido, maior a distância estabelecida entre ele e seu observador. Ambos os autores apresentam em seus ensaios os

malefícios que esse distanciamento pode trazer para a espécie, que já não mais se enxerga como parte da experiência, mas apenas como *voyeur* dos acontecimentos externos a ela.

1.2 O tempo

Essa separação de sujeito e objeto na experiência dos indivíduos ao longo do seu processo de evolução, apresenta consequências na maneira como as sociedades atuais, com altos níveis de capacidade de síntese, estudam, leem, internalizam e experimentam o conceito de tempo. Segundo Milton Pelegrini no texto, “O tempo como mídia da cultura”, tal conceito está ligado à uma construção da mente humana com o objetivo de organizar as atividades dos homens em sociedade, de forma a se adequar às regras de convivência e facilitar a execução de tarefas. Dentro dessa visão, o tempo pode ser compreendido como uma contagem matemática: horas, minutos e segundos, estabelecendo um fenômeno que se repete ciclicamente.

Os calendários mesopotâmico, egípcio, hebreu, grego, latino, muçulmano e os calendários asiáticos têm em comum o uso dos modelos cíclicos da natureza como uma reprodução simbólica. Esses modelos naturais de tempo que foram forjados a partir da observação de fenômenos naturais deram origem ao conceito de tempo cíclico. (PELEGRINI,2004:148)

Nesse mesmo contexto, Norbert Elias, aborda o tempo como produto do alto nível de síntese da geração atual, apresentando-o como um código de linguagem resultado da capacidade característica da espécie humana de estabelecer ligações entre os acontecimentos que presencia. Dessa forma a criação cíclica do relógio é produto da observação dos ciclos da lua, assim como a evolução de métodos naturais usados pelos antepassados para a medição do tempo: o sol, as estrelas e a própria colheita.

É somente no nível do homem que os seres pertencentes à natureza adquirem o poder de síntese que lhes permite representar, através de seus símbolos sociais, tanto o devir do universo quanto o movimento aparente do Sol ao redor da Terra. (ELIAS, 1984:26)

Apresenta-se aqui o caráter problemático da percepção temporal do sujeito moderno: uma vez que esse encontra-se cada vez mais distante das experiências que o antecederam, aceita o conceito matemático como algo que já é inato a si, em sua individualidade, e na sociedade em que se encontra inserido. O esquecimento dos processos de experiência que antecederam a criação do tempo cíclico e mais tardiamente, do relógio, trazem como consequência a disciplina e a regularização da espécie em torno de um símbolo criado e aperfeiçoado por ela mesma.

E, quando o calendário começou a funcionar sem choques e sem incomodar ninguém, esqueceu-se a evolução milenar que acabou culminando na adequação exata dos símbolos de calendário, de origem humana, tanto a seu papel social quanto aos processos da natureza física externa. (ELIAS, 1984:153)

Esse tempo simbólico cíclico, no qual a humanidade baseia sua organização de vida cotidiana, individual e social, pode apresentar-se também de maneira linear em conceitos estabelecidos como: passado, presente e futuro. Segundo Pelegrini, essa linearização do símbolo é consequência da falta de adequação técnica e matemática para definir conceitos abstratos, assim como da evolução industrial pela qual as sociedades humanas passaram ao longo do curso de sua história.

Ele existe simultaneamente, na maior parte das sociedades, com um tempo linear, construído, via de regra, pela insuficiência dos calendários quando é preciso lidar com períodos longos, fato que conduz, invariavelmente, a linearização do tempo. (PELEGRINI, 2004:148)

Novamente, cabe ressaltar que a linearização do tempo é uma criação da espécie humana, produto de sua capacidade de síntese em alto nível com o passar das gerações. Ou seja, é possível supor que se o mundo não fosse habitado por humanos, o conceito de tempo seria inexistente em todas as suas formas. Estabelece-se aqui, uma relação clara entre sujeito e objeto, uma vez que a concepção de tal objeto só se faz possível quando o sujeito existe para criá-lo. Assim como só é possível aperfeiçoar o objeto ao alto nível de síntese que ele hoje apresenta, graças às experiências adquiridas pelas gerações de sujeitos anteriores.

A percepção de eventos que se produzem “sucedendo-se no tempo” pressupõe, com efeito, existirem no mundo seres que sejam capazes, como os homens, de identificar em sua memória acontecimentos passados, e de construir mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes, ou que estejam em curso. (...). Ela pressupõe seres dotados de um poder de síntese acionado e estruturado pela experiência. (ELIAS, 1984:33)

Se colocarmos sujeito e objeto em um mesmo patamar é possível estabelecer uma diferença crucial entre o tempo cíclico e o tempo linearizado. O primeiro relaciona-se diretamente a organização matemática e exata das ações humanas, estabelecendo um denominador comum para sincronizá-la e regulá-la da melhor maneira possível. O segundo

refere-se a experiências vividas individualmente, ou de maneira coletiva, durante o curso da vida, impossível de serem repetidas em sua maneira original.

Mas os conceitos do tipo “ano”, “mês” ou “hora” não integram essa capacidade que ainda pressupõem em seu sentido. Eles simplesmente representam sequências contínuas de acontecimentos de duração variada. Os conceitos de “passado”, “presente” e “futuro”, ao contrário, expressam a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiência que uma pessoa (ou um grupo) tem dela. (ELIAS, 1984:63)

Uma vez inserido em um grupo social, o ser humano sente a necessidade de se autodisciplinar para adaptar-se ao mesmo, ou seja, passa a internalizar suas regras sincronizadoras visando se sentir parte do todo. Essa disciplina tende a aumentar junto com a evolução das gerações humanas e seus altos níveis de síntese, aparentemente quanto mais evoluída a espécie maior sua capacidade de autodisciplina de acordo com os códigos sociais vigentes. No entanto, a internalização do tempo representado de maneira cíclica impacta na maneira como o indivíduo e a sociedade encaram o tempo linear, localizando seu passado e projetando seu futuro de acordo com a exatidão dos calendários correntes em suas sociedades.

Cada ser humano teve que adaptar o conjunto de suas atividades à presença de um número crescente de semelhantes, inclusive as atividades de se levantar e se deitar, num horário determinado com um rigor cada vez maior. Foi-lhe necessário considerar, cada vez com mais precisão, em que momento do futuro ele deseja ou deveria fazer isto ou aquilo. Assim a autodisciplina aumentou, simultaneamente, nos planos “social” e “individual”. (ELIAS, 1984:116)

Esse processo de adaptação e autodisciplina pelo qual o indivíduo passa para ajustar-se à sociedade em que se encontra inserido, passou de certa maneira, a prejudicar sua experiência de tempo presente. A preocupação constante com as métricas temporais, na busca por fazer valer o tempo em vida, assim como os cálculos e projeções visando o que deveria fazer no futuro passaram a ocupar um grande espaço no cotidiano do ser humano. Dessa forma sujeito e objeto se misturam de maneira que o sujeito se enxerga como ser independente do objeto, mas vive a maior parte de suas experiências sincronizadas a ele.

“Os físicos às vezes dizem medir o tempo. Servem-se de fórmulas matemáticas nas quais o tempo desempenha o papel de um quantum específico. Mas o tempo não se deixa ver, tocar, saborear, nem

respirar como um odor. Há uma pergunta que continua à espera de resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos?” (ELIAS,1897:7)

Nesse contexto a experiência humana passa a ser regida pelo plano instrumental matemático, pautado na repetição cíclica, no entanto, no plano experimental, tratam-se de processos únicos e irrepetíveis na ordem do devir. Novamente, apresenta-se a problemática da separação de sujeito e objeto, ao enxergar o símbolo como algo externo a ele, o sujeito se perde dentro dos próprios simbolismos, vivendo em função dos mesmos e ignorando tal fato.

No interior dessa ordem de sucessão, cada segundo cada hora, cada dia é único e não repetível; eles vêm e vão para nunca mais voltar. Mas a duração de qualquer processo que se desenrole entre duas posições - porquanto socialmente padronizada como “segundo”, “horas”, “mês” ou “ano” - é exatamente idêntica à de qualquer outro processo padronizado da mesma maneira. (ELIAS, 1984:96)

A dependência que o homem estabeleceu com os simbolismos que ele mesmo criou para sincronizar as atividades sociais, proporcionou ao indivíduo uma habilidade de planejamento que trouxe a noção de futuro para o foco das grandes preocupações humanas. Inserido em um contexto em que para adaptar-se e ser bem-sucedido, o homem deve planejar seus passos com antecedência, o conceito de tempo presente perde sua importância assim como as possíveis experiências que ele pode proporcionar.

Seguindo tais percepções a respeito das diferentes definições do conceito tempo, assim como da relação humana que se estabeleceu a eles através do mesmo, apresenta-se aqui o entendimento de tempo presente. A experiência do tempo subjetivo se dá com a “recusa à futuração, tem a ver com a experiência do homem como presença que se lança contra o futuro para transformá-lo em passado” (FLUSSER apud PELEGRINI, 2004:5). Essa vivência depende de um empirismo que nega o planejamento *a priori*, a futuração – traço marcante do tempo mecânico que “aniquila o futuro porque elimina o terreno da experiência imprevisível, e, portanto, elimina o sentido da vida”. (PELEGRINI, 2004:5)

Assim, estabelece-se aqui, como “tempo presente”, os instantes em que a consciência humana é capaz de esquecer sua autodisciplina, assim como os objetos reguladores e sincronizadores criados por ela mesma, para desfrutar daquilo que se passa ao seu redor. O sujeito inserido no “tempo presente”, nada mais é do que o sujeito da experiência, ou seja, um

território de passagem aberto aos acontecimentos e alheio a cronometragem matemática cíclica do tempo social.

O passado não tem entrada, o futuro não tem saída. Quanto ao presente, situado na posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado. (ELIAS, 1984:64)

A partir da ideia de que o sujeito que vive no “tempo presente” é o sujeito da experiência, este ensaio trará um estudo das observações feitas durante as vivências empíricas realizadas com voluntários e ministradas por membros da equipe do projeto Imersão. A metodologia utilizada para tais vivências alicerça-se no estímulo à uma escuta sensível do ser humano, apresentado no próximo capítulo, incentivando seu sentido auditivo de maneira a diminuir o nível de informação que o sujeito moderno recebe e estudar a relação que este estabelece com os sons ao redor.

1.3 O som

Vibrante, o som se manifesta a partir do contato entre moléculas. Esse contato produz expansão e compressão de energia, sendo formadas assim as ondas sonoras. Essas ondas chegam aos ouvidos (ignorando outros processos antes disso), graças a vibração criada a partir do atrito entre dois objetos, fazendo com que a energia em forma de onda viaje ao tímpano humano. A partir desse momento, o cérebro e o aparelho auditivo farão, de forma bruta, a captação e interpretação desses fenômenos.

*Qualquer coisa que se mova, em nosso mundo, vibra o ar.
Caso ela se mova de modo a oscilar mais que dezesseis vezes por segundo, esse movimento é ouvido como som.
O mundo, então, está cheio de sons. Ouça.
Abertamente atento a tudo que estiver vibrando, ouça. Sente-se em silêncio por um momento e receba os sons. (SCHAFER, 1986:112)*

Segundo José Miguel Wisnik no livro “O Som e o Sentido”, o som é composto pelas seguintes propriedades: “altura” trata-se da frequência na qual a onda sonora vibra e “frequência”, a propriedade que possibilita a separação dos sons em graves e agudos, tornando possível a definição de notas musicais, por exemplo. Conclui-se então que notas musicais nada

mais são do que frequências e/ou vibrações. A “intensidade”, por sua vez, refere-se ao volume em que esse som está sendo emitido: alto ou baixo. Já a “duração”, é o tempo de propagação da onda sonora no espaço; é usada para ditar o ritmo. Por fim, o “timbre” que trata das frequências e intensidades similares, emitidas por diferentes meios de comunicação sonora.

Dentro dessas propriedades existe apenas uma faixa de frequências perceptíveis ao ouvido humano: de 20 Hz a 20.000 Hz. Esses, são elementos sonoros perceptíveis pelo sentido auditivo da espécie que geram consequências na existência da mesma, quando focados na frequência apresentada anteriormente. Dessa forma, um som pode causar diferentes reações em diferentes pessoas, com diferentes experiências e personalidades. Física e biologicamente, sons convertem-se em mensagens concretas ou não. Assim, de acordo com as experiências vivenciadas por determinado indivíduo ele pode, ou não, reagir ao estímulo sonoro, tal reação depende dos mais diversos fatores.

Um grito pode ser um som habitual num pátio de uma escola e um escândalo na sala de aula ou num concerto de música clássica. Uma balada “brega” pode ser embaladora num baile popular e chocante ou exótica numa festa burguesa (onde pode se tornar frisson chique/brega). Tocar um piano desafinado pode ser uma experiência interessante no caso de um ragtime e inviável em se tratando de uma sonata de Mozart. Um cluster (acorde formado pela aglomeração de notas juntas, que um pianista reproduz batendo o pulso, a mão ou todo o braço no teclado) pode causar espanto num recital tradicional, sem deixar de ser tedioso e rotinizado num concerto de vanguarda acadêmica. Um show de rock pode ser um pesadelo para os ouvidos do pai e da mãe e, no entanto, funcionar para o filho como uma canção de ninar no mundo do ruído generalizado. (WISNIK,1948:32)

A partir da definição apresentada acima é possível perceber que, apesar de poder ser usado como um código de comunicação e manipulado de maneira a criar as mais diferentes impressões para a audição, os sons independem do ser humano para existir. Trata-se de um objeto que está presente na natureza por si só, impondo-se aos sentidos humanos, muitas vezes de maneira indesejada, sem que este possa evitar sua presença no espaço.

Ao contrário de outros órgãos dos sentidos, os ouvidos são expostos e vulneráveis. Os olhos podem ser fechados, se quisermos: os ouvidos não, estão sempre abertos. Os olhos podem focalizar e apontar nossa vontade, enquanto os ouvidos captam todos os sons do horizonte acústico, em todas as direções. (SCHAFER,1986:55)

Uma vez que a audição é um sentido em constante exposição, independente da vontade do ouvinte, trata-se de um território de passagem extremamente fértil para a experiência. A falta de controle sobre aquilo que se ouve, permite transformar o sujeito moderno em sujeito da experiência, impondo-o novas experimentações, facilitando assim o processo de aceitação do indivíduo a aquilo que lhe perpassa de maneira passional. É através do incentivo dessa escuta sensível e passiva que o projeto busca observar as reações e sensações que se manifestam nas pessoas expostas a sons de maneira vulnerável e não ativa.

A escuta sensível se apoia na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro das suas atitudes, comportamentos e sistemas de ideias, de valores de símbolos e de mitos.

A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outrem. O ouvinte - sensível não julga, não mede, não compara. Entretanto, ele compreende sem aderir ou se identificar as opiniões dos outros, ou do que é dito e feito. (BARBIER,2002:1)

Em entrevista ao projeto, Ana Mariano, uma das participantes das vivências empíricas realizadas em prol da pesquisa, reflete sobre como o excesso de informações anestesiou o homem e as sensações que ele vivencia diariamente, e sobre como a situação nova e inusitada pode despertar uma outra percepção sobre emoções que sempre estiveram ali. Trata-se de uma reflexão simples que resume a proposta do projeto, apresentando a ideia de tirar as pessoas de sua zona de conforto, por meio de sons diversos e impositivos, e observar as novas experiências que isso pode lhes proporcionar.

A gente, por ser atravessado diariamente por diversas situações, por diversas atividades no nosso cotidiano, a gente vai se anestesiando né?! Não só aos sons, mas as imagens, tudo fica muito rotineiro, tudo fica muito automático. E quando a gente traz essa sensibilização, tudo se aflora e aquilo sempre teve ali presente, você sempre teve esse sentido. Mas é a partir do momento que você coloca uma agulha ali, que você fala “caramba eu tenho esse ponto e ele me traz lembranças, ele me estimula, ele me faz sair da minha zona de conforto” é incrível, você abre os olhos. É você polindo os seus sentidos. (MARIANO, 2017)

Dentre as novas sensações e experiências exploradas, vivenciadas e observadas, o desapego ao código temporal matemático, e as angústias que ele traz como consequência, tal como o constante foco nos planos futuros, estiveram presentes em todos os participantes e em todas as diferentes experiências realizadas ao longo da construção do projeto. A música, apesar

de seguir uma métrica rítmica e temporal, pode ser um importante aliado para aflorar a sensação de tempo presente do indivíduo, uma vez que a relação do ser humano com o som é inegável.

O fato é que todos os meios antigos de medir o tempo (relógios de água, de areia e de sol) eram silenciosos. O relógio mecânico é audível. Pela primeira vez na história, a duração foi dividida em células de tempo proporcionais que soavam. (...) Vale notar que enquanto vivemos sob o encanto e o totalitarismo do relógio, fazemos de nós mesmos uns pobres relógios. (SCHAFER, 1986:76)

Apoiando-se nessa visão, o projeto Imersão propôs aos seus participantes, uma quebra a essa métrica rítmica através de exercícios de experimentação e improvisação. Dessa forma foi possível observar, que quando os indivíduos entravam em contato com os sons apresentados no espaço, fossem eles sons cotidianos ou melodias não antes escutadas, eles se entregavam a escuta sem buscar qualquer objetivo final. Tornaram-se territórios de passagem para aquilo que ouviam ao seu redor, e dessa forma puderam experimentar a sensação de tempo presente apresentada neste artigo, ou seja, o esquecimento da cronometragem das horas, minutos e segundos. Em seguida, algumas das percepções dos participantes das vivências empíricas que apresentam as diversas sensações experimentadas por eles ao longo do processo:

É muito louco. Porque ao mesmo que tempo que você está aqui você não está, você meio que viaja pelo espaço e aí sua mente nem aqui fica, você fica...não sei explicar. Você entra no som, o som entra na sua cabeça, você esquece e só vai. (PINHEIRO, 2017)

Quando você fecha o olho e você começa a só ouvir, você começa a imaginar o que é aquele barulho, como que era o avião que estava passando pelo céu, você tenta associar os sons as coisas. E também descobrir, gera uma certa curiosidade, você ouve um barulho que pode ser um motor, mas também pode não ser, e ao mesmo tempo está perto e está longe e você não sabe exatamente o que é. É uma sensação diferente. (VENTURINI 2017)

O som do metrô em si ele já te cria um ritmo diário todos os dias, e às vezes você não necessariamente precisa ter pressa e você tem não sabendo o porquê. Na verdade, é porque você está dentro desse ritmo, desse compasso de todos os dias. É incrível isso. (MARIANO, 2017).

Eu ia falar que se eu não paro para prestar atenção no som eu não lembro que tem passarinho em São Paulo. E quando eu paro, tem um monte, o tempo todo aparecia um passarinho, acho que não era o mesmo né?! Porque o canto variou pelo menos umas duas vezes. (ANDREIVE, 2017)

É somente com um silêncio pleno, uma escuta profunda que você vai poder discernir né?! O que é, o que está longe de mim, o que está perto, o que sou eu, o que não sou eu. Tentei me colocar como uma rádio escuta, escutando o que está acontecendo no presente. (CALDAS, 2017)

Acho que é engraçado como são muitos sons e todos eles atingem a gente, só que acho que é o único momento em que eu paro para me ouvir sabe?! Então eu ouço a batida do meu coração, como está minha respiração, meus ossos se movendo e até os sons que os meus pensamentos fazem; eu acho isso muito bacana. Se ver primeiro, porque é um mundo muito grande e a gente é minúsculo. Então é bacana começar com você sabe?! Te trazer grande para depois te trazer ao mundo. (RIBEIRO, 2017)

Pode-se concluir, através dessas observações, que o som, por sua subjetividade, tem a propriedade de proporcionar ao ser humano a sensação de tempo presente. A onda sonora não atinge sentidos humanos como a visão, ou seja, é invisível, porém coloca-se presente a audição e ao cérebro, ganhando uma forma mística no sentido de que unifica sujeito e objeto.

Estar no presente através da escuta é um ato revolucionário. Nós precisamos disso, estar aterrados desta forma. (...). Escutar ajudará a nos reconectar com o meio ambiente. Se pudermos entender o que a escuta pode fazer para nos reconectar com nosso meio ambiente...nós poderíamos nos enriquecer imensamente. Hildegard Westerkamp (<http://www.cbc.ca/radio/ideas/how-opening-our-ears-can-open-our-minds-hildegard-westerkamp-1.3962163>)

Por ser independente do ser humano e, ainda assim, inerente a ele, trata-se de um código que une o homem à natureza e ao universo que ele habita.

1.4 Referências Bibliográficas

SCHAFER, Murray. **O Ouvido Pensante**. 2. Ed. São Paulo: Unesp, 1986.

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido**. Brasília: SCHAWARCZ, 1948

PELEGRINI, Milton. **O Tempo como mídia da cultura**. São Paulo: CISC, 2004.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2002.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro:ZAHAR, 1984.

René Barbier, L'écoute sensible dans la formation des professionnels de la santé. Conférence à l'Ecole Supérieure de Sciences de la Santé - <http://www.saude.df.gov.br> Brasília, juillet 2002.

MARIANO, Ana: depoimento [nov,2017]

Entrevistadora: Ana Carolina Espindola. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som

PINHEIRO, Nathalia: depoimento [set,2017]

Entrevistadora: Anna Beatriz Garcia. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som.

VENTURINI, Pedro: depoimento [set,2017]

Entrevistadora: Anna Beatriz Garcia. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som.

MARIANO, Ana: depoimento [set,2017]

Entrevistadora: Anna Beatriz Garcia. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som.

ANDREIVE, Thiago: depoimento [set,2017]

Entrevistadora: Anna Beatriz Garcia. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som.

CALDAS, Paola: depoimento [set, 2017]

Entrevistadora: Anna Beatriz Garcia. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som.

RIBEIRO, Elizabeth: depoimento [set, 2017]

Entrevistadora: Anna Beatriz Garcia. São Paulo. 2017. Arquivo Digital.

Depoimento concedido ao projeto Imersão: O Tempo do Som.